



Possibilidades
de abordagem
dos poemas
homéricos:
arqueologia e
linguística
como
“horizonte
hermenêutico”
das obras

Ana Teresa Marques Gonçalves

Doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Instituto de Ciências Humanas e Letras e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG). Pesquisadora do CNPq. Autora, entre outros livros, de *A noção de propaganda e sua aplicação nos Estudos Clássicos: o caso dos Imperadores Romanos Septímio Severo e Caracala*. Jundiá: Paco, 2013. anateresamarquesgoncalves@gmail.com

Marcelo Miguel de Souza

Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Coorganizador do livro *Grandes epopeias da Antiguidade e do Medievo*. Blumenau: Edifurb, 2014. marcelobrass@hotmail.com

Possibilidades de abordagem dos poemas homéricos: arqueologia e linguística como “horizonte hermenêutico” das obras

Possible approaches to Homer's poems: archeology and linguistics as “hermeneutic horizon” of works

Ana Teresa Marques Gonçalves
Marcelo Miguel de Souza

RESUMO

As possibilidades de abordagem dos poemas homéricos são muitas e variadas. Desde aquelas que dialogam com linhas mais tradicionais de teoria literária, passando por estudos históricos, arqueologia, linguística e também filologia. As descobertas arqueológicas, durante os últimos dois séculos, tiveram importante impacto na ampliação e na própria interpretação tanto da *Iliada* quanto da *Odisseia*. Consideradas até meados do século XIX como obras ficcionais, toda sua compreensão foi alterada após as descobertas de H. Schliemann e A. Evans. Além disso, a tradução do Linear B micênico e as possíveis analogias com os chamados Anais dos Hititas nos possibilitaram interessantes ligações. Este artigo objetiva problematizar algumas dessas linhas de análise, visando relacionar tais descobertas com a expansão de um “horizonte hermenêutico” das obras para o historiador.

PALAVRAS-CHAVE: Homero; arqueologia; linguística.

ABSTRACT

There are many and varied possible approaches to Homer's poems, from those that dialogue with more traditional lines of literary theory to historical studies, archeology, linguistics and philology. Archaeological findings of the last two centuries have had an important impact on the magnification and interpretation of both the *Iliad* and the *Odyssey*. Considered until the mid-nineteenth century as fictional works, the way they were understood changed following H. Schliemann and A. Evans's discoveries. Moreover, the translation from Mycenaean Linear B and possible analogies with the *Annals of the Hittites* provided us with interesting links. This article aims at problematizing a few of these analytical lines to establish the relationship between such findings and the expansion of a “hermeneutic horizon” of these works for the historian.

KEYWORDS: Homer; archeology; linguistics.

¹ Neste artigo utilizamos as seguintes traduções e edições para a obra de Homero: HOMERO. *Iliada*. Trad. Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2003, v. I.; HOMERO. *Iliada*. Trad. Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2002, v. II.; HOMERO. *Iliada*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009; HOMERO. *Odisseia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009; HOMERO. *Odisseia*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2011; HOMERO. *Odisseia I*: Telemaquia. Trad. Donaldo Schüler. Porto Alegre: L & PM, 2007; HOMERO. *Odisseia II*: regresso. Trad. Donaldo Schüler. Porto Alegre: L & PM, 2007; HOMERO. *Odisseia III*: Ítaca. Trad. Donaldo Schüler. Porto Alegre: L & PM, 2007; HOMERO. *Odisseia*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Nova Cultural, 2007.

² CARLIER, Pierre. *Homero*. Lisboa: Publicações Europa-América, 2008, p. 11.

³ Sucintamente, é o conjunto de discussões sobre a existência ou não de Homero, e se ele é ou não o autor da *Iliada* e da *Odisseia*.



Existem várias propostas e possibilidades de interpretação dos chamados poemas homéricos.¹ Elas remetem, em verdade, a discussões que se iniciam em tempos bastante recuados, e num sentido bem específico, como aponta Pierre Carlier, “falar de Homero é falar dos poemas homéricos e só deles”.²

Esse conjunto de discussões pode ser agregado no que normalmente é chamado de “questão homérica”,³ termo tão bem conhecido por pesquisadores de Homero que chega a soar familiar. Esta é uma maneira de nos

aproximarmos das representações de períodos posteriores sobre esse poeta, e de como os antigos refletiam sobre seu passado heroico.

Quando nos referimos a este tipo de documentação, tanto as “biografias de Homero”⁴ quanto os poemas e hinos⁵ com a meta de identificar elementos de composição e autoria, acabamos por considerar – além da existência ou não do autor dos poemas – se o que é narrado possui historicidade. Ou seja, colocamos a questão sobre a factibilidade da guerra de Troia, dos costumes narrados e da sociedade composta nos poemas homéricos como “horizonte hermenêutico” de interpretação das obras. Obviamente a resposta a estas perguntas nem sempre pode ser alcançada somente tendo por base documentação escrita.

Se traçarmos uma linha do tempo, perceberemos que os estudos homéricos sofreram o impacto de várias descobertas, como as realizadas pela arqueologia, principalmente a partir do século XIX d. C., além das novas perspectivas de abordagem, com a linguística e a filologia. Desde então relações têm sido estabelecidas entre a documentação escrita, sua coesão estrutural e sua afinidade com a cultura material de períodos anteriores ao século VIII a. C.⁶

O que leva a indagações sobre as possibilidades e os usos destes recursos. Por exemplo, quais seriam as relações entre os textos homéricos e a documentação desses períodos anteriores? O que pode ser inferido tendo por base o Linear B Micênico? O que nos diz a cultura material desses períodos? A quais conclusões podemos chegar com base na análise desses pontos?

O impacto da arqueologia de Heinrich Schliemann e Arthur Evans na interpretação de Homero: a descoberta de dois mundos

Os estudos homéricos sofreram uma verdadeira reviravolta a partir do século XIX d. C., e grande parte dessas mudanças de interpretação têm a ver com as descobertas de Heinrich Schliemann e Arthur Evans referentes às sociedades Micênica e Minóica. Até então desconhecidas, a existência dessas sociedades deu peso à tese que fundamenta certo grau de historicidade nos poemas homéricos. A descoberta de códigos linguísticos escritos anteriores à implementação do alfabeto grego⁷ servem de argumentação a essa profundidade histórica que normalmente é imputada aos poemas. Para termos conhecimento do quanto este quadro era antes diferente, observemos que até 1870 a maioria dos “historiadores pensava que o mundo descrito por Homero era puramente imaginário. O grande historiador inglês George Grote, por exemplo, apontava o ano de 776 a. C. como o início da história grega, com a criação dos jogos Olímpicos”.⁸

Os próprios gregos na Antiguidade não tinham uma concepção muito clara sobre este passado mais longínquo. Como observa W. Taylor, “‘Micênios’ é uma designação que não se encontra nos autores clássicos. Os gregos davam vários nomes aos seus antepassados mais remotos. Homero refere-se-lhes indiferentemente como Aqueus, Dánaos, Argivos”.⁹

Esse conhecimento de um passado grego mais remoto,¹⁰ anterior aos poemas homéricos, só ocorreu na segunda metade do século XIX d. C. A primeira grande descoberta iniciou-se com Schliemann, em 1870. Utilizando-se da tradição antiga,¹¹ e com uma fé inabalável na historicidade dos poemas homéricos, saiu à caça do que seria denominado por ele de “Troia”. A questão é que Schliemann, ao escavar a colina de Hissarlik (hoje

⁴ Apesar de termos notícias de inúmeras biografias de Homero na Antiguidade, somente doze chegaram até nós Cf. CARLIER, Pierre, *op. cit.*, p. 9. Essas biografias encontram-se reunidas na obra: GIGANTE, G. E. V. *Le vite di Omero*. Nápoles: s/Ed, 1996. Essas biografias são em sua esmagadora maioria, tardias, entre o século II d. C., e o século V d. C.

⁵ Esse conjunto de hinos imputados a Homero na Antiguidade são considerados, contemporaneamente, como sendo de autoria desconhecida. Pra mais ver PSEUDO-HOMERO. *Hinos homéricos*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

⁶ As datações mais tradicionais localizam as obras de Homero no século VIII a. C. Observemos que a introdução do alfabeto na Grécia a partir do século VIII a. C. vai contribuir com a transcrição dos poemas para o suporte textual. Seu desenvolvimento, adaptação do alfabeto fenício para a língua grega, está ligado à própria questão dessa transcrição.

⁷ As inscrições gregas alfabéticas datam da segunda metade do século VIII a. C. As primeiras inscrições, pertencentes ao período compreendido entre 750 a. C. e 650 a. C., são por vezes pintadas em peças de olaria, mais frequentemente grafitos, principalmente em vasos e mais raramente em pedra. Ver CARLIER, Pierre, *op. cit.*, p. 58.

⁸ CARLIER, Pierre, *op. cit.*, p. 19.

⁹ TAYLOR, W. *Os micênios*. Lisboa: Verbo, 1973, p. 15.

¹⁰ Devemos observar que na Antiguidade as ruínas de palácios micênicos eram conhecidas e visitadas, como é o exemplo de Pausânias, que afirma ter conhecido os túmulos de Agamêmnon e dos que com ele haviam morrido. Ver TAYLOR, W, *op. cit.*, p. 15. Porém, esse conhecimento foi se perdendo e na contemporaneidade não havia, até as descobertas de Schliemann, uma base material forte para a afirmação da existência dessas sociedades.

¹¹ Heinrich Schliemann fez uso também de Pausânias. Ver TAYLOR, W, *op. cit.*, p. 15.

¹² CARLIER, Pierre, *op. cit.*, p. 19.

¹³ ZANON, Camila Aline. *Alliada de Homero e a arqueologia*. São Paulo: Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia-USP, São Paulo, 2008, p. 28.

¹⁴ O sítio de Troia é deveras complexo. Possui nada menos do que 46 estratos que foram organizados em diferentes seções, indo até a chamada Troia VIIb. Relaciona-se a Troia VIIa com a Troia homérica, devido a proximidade da datação desta camada com a tradição e o fato de ter sido destruída pelo fogo. Ver ZANON, Camila Aline, *op. cit.*, p. 59 e 60,

¹⁵ TAYLOR, W, *op. cit.*, p. 170.

¹⁶ “O mundo micênico mantém relações estreitas com o oriente, nomeadamente com a costa sírio-palestina e com o Egito”. CARLIER, Pierre, *op. cit.*, p. 32.

¹⁷ “As diferenças entre as datas propostas pelos autores antigos são relativamente próximas, sendo 1250 a. C. a mais antiga e 1184 a. C. a mais recente; o intervalo entre as datas propostas para a queda de Troia e para as invasões dóricas corresponde aproximadamente às datas que vieram a ser confirmadas pela arqueologia ao longo do século XX”. ZANON, Camila Aline, *op. cit.*, p. 21.

¹⁸ Este tipo de datação relativa ternária foi desenvolvida por A. Evans no princípio do século. Ver CARLIER, Pierre, *op. cit.*, p. 26. Define períodos anteriores e posteriores partindo-se do princípio de desenvolvimento, ascensão e declínio. São diferentes para as Ilhas e para o continente. Na Grécia continental, é dividido em Heládico Antigo (com a sigla HA I, II, III); Heládico Médio (HM) e Heládico Recente, que equivale ao Período Micênico (HR I A, HR I B, HR II, HR III A, HR III B, HR III C). Importante ressaltar que esta cronologia relativa foi posteriormente aperfeiçoada “graças aos artefatos egípcios ou mesopotâmios encontrados na Grécia e graças aos fragmentos de cerâmica egeia no Oriente”. CARLIER, Pierre, *op. cit.*, p. 26.

¹⁹ TAYLOR, W, *op. cit.*, p. 171.

atual Turquia) “descobriu tesouros fabulosos que atribuiu a Príamo e aos seus familiares”.¹² O suposto “tesouro de Príamo” escavado por Schliemann “era composto por mais de 8.700 peças de ouro, dentre as quais vasos, cálices e objetos de adorno”.¹³

As descobertas causaram frenesi no período, bem como os meios utilizados por Schliemann para contrabandear o “tesouro” para fora do Império Turco Otomano. A questão é a de que o sítio que encontrou mostrava, claramente, a existência e a complexidade¹⁴ de uma civilização que, até então, se pensava ser apenas invenção, ou no mínimo exagero poético dos poemas homéricos.

Não é o caso aqui de responder se a “Troia” de Schliemann é realmente a Troia da *Ilíada*. O ponto a ser observado é o de que a descoberta de tão complexo sítio arqueológico, composto por várias camadas de temporalidades diferentes apontava para a existência de uma sociedade pelo menos tão complexa quanto as que eram cantadas nos poemas. A cidade descoberta mostrava complexidade, riqueza e uma duração temporal impressionante, como observa W. Taylor,

O período áureo de Troia, de prosperidade quase constante, durara séculos. A base da sua riqueza tem sido alvo de muitas especulações. O comércio pode ter contribuído muito, mas os seus contactos eram exclusivamente com o Ocidente. Apesar da vizinhança do grande império Hitita na região noroeste, não recebia dali importações. A cidade, porém, não dependia apenas do comércio. [...] As ricas e produtivas planícies de Troia (a Tróada) produziam alimentos suficientes para os habitantes e para comerciar.¹⁵

A localização do sítio de Schliemann, perto do Império Hitita na Anatólia¹⁶ e próximo do mar tornava possível e verossímil a narrativa da guerra de Troia. Se não, pelo menos, a probabilidade de sua historicidade. Fortalecia seu argumento o fato de serem encontradas várias camadas, destruídas e reconstruídas, sendo que a chamada Troia VIIa havia sido queimada, possivelmente em uma invasão, dada a destruição que pôde ser verificada. As datas também favoreceriam posteriormente a hipótese de Schliemann, pois a datação dessa camada muito se aproximaria da tradicionalmente apontada por Erastótenes¹⁷ (1184 a. C.) para a guerra narrada na *Ilíada* entre os Aqueus e os Troianos. “Seja qual for a data atribuída à queda de Troia VIIa – alguns colocam-na em 1260 a. C. e outros preferem aceitar a data de Erastótenes, 1184 a. C. (data de modo algum infalível) –, ela ocorreu antes do final de HRIIB,¹⁸ pois que ainda se importavam vasos desse estilo quando a cidade foi reocupada após a sua terrível destruição”.¹⁹

Devido ao saque do “tesouro” Schliemann foi proibido de continuar suas escavações em Hissarlik pelo governo turco. Não desistindo de seus objetivos, voltou-se para a Grécia continental, onde Schliemann decide por escavar as ruínas de Micenas, encontrando o assim chamado círculo tumular A. As peças encontradas nesses sítios arqueológicos testemunhavam um passado complexo, e, em grande parte, bastante rico e organizado. As peças encontradas nos grandes túmulos²⁰ de Micenas por Schliemann condizem, em grande parte, com o epíteto homérico “Micenas rica em ouro”.²¹ O horizonte hermenêutico das obras de Homero jamais seria o mesmo após tão impressionantes descobertas.

A periodização proposta para esses objetos se baseou em uma datação relativa, possibilitada pelo fato de que objetos micênicos foram encontra-

dos em Tell-el-Amarna,²² cidade de Akhenaton²³ e de um escaravelho de Amenófis III encontrado em uma Tumba de Micenas. Datação relativa, mas que ajudou a organizar a cronologia dos períodos. Novamente autorizado a escavar em Hissarlik, Schliemann encontraria ainda, junto a seu ajudante Dörpfel, “um grande edifício cuja planta era bastante semelhante à sala do trono dos palácios de Micenas e Tirinto”.²⁴

Obviamente, as descobertas de Schliemann deram fôlego às tentativas de escavações de outros sítios tanto na Hélade quanto nas Cíclades. As descobertas de Arthur Evans viriam, em seguida, com as escavações do grande palácio de Cnossos em Creta, que “em 1900, começou os seus trabalhos, os quais viriam a identificar Creta como uma das grandes potências da Idade do Bronze no Egeu”.²⁵ Fazendo pesar sua reputação, A. Evans argumentou erroneamente que a civilização, que chamou de Minóica, não era, absolutamente, aparentada com os gregos. E, segundo suas perspectivas, a civilização Micênica não seria nada além de uma versão mais provinciana da civilização Minóica.²⁶

Mesmo com as datações em franco desenvolvimento, a argumentação de A. Evans permaneceu até a decifração das diversas tabuinhas de escrita encontradas nos sítios arqueológicos. Nelas podem ser identificados pelo menos alguns tipos diferentes de escrita, relacionados a distintos locais e sítios. Podemos citar o “minóico hieroglífico, de caráter figurativo, o Linear A principalmente Cretense, o Linear B, o Cipro-minóico comprovado em Chipre entre 1500 a. C. e 1200 a. C., derivado do Linear A”.²⁷ Todas servem de exemplo de notação e escrita.²⁸

Dentre eles, o chamado Linear B forneceu importantes informações.²⁹ Essa linguagem foi traduzida em 1952, por Michael Ventris, utilizando técnicas de descriptografia oriundas da Segunda Guerra. Em seus estudos, junto a John Chadwick, se constatou que a língua das tabuinhas não era outra que não o próprio grego, causando grande surpresa na comunidade acadêmica. Embora o conteúdo das tabuinhas tenha decepcionado parte dos pesquisadores, pois consistia em sua grande maioria “em inventários e catálogos: inventários de armazéns, gado e produções agrícolas; catálogos de homens, mulheres e crianças”.³⁰ A questão da datação das tabuinhas também é um ponto bastante controverso,³¹ visto que é uma datação indireta e aproximada. Porém, podemos dizer que o Linear B, que nos surge quase exclusivamente nas tabuinhas, começa por volta de 1400 a. C., sendo as últimas inscrições datadas de c. 1200 a. C. O Linear B é a única forma de escrita conhecida no continente grego [durante este período],³² ou seja, Linear A somente nas Ilhas.

O ponto a ser enfatizado era, obviamente, o de que as informações que agora podiam ser extraídas das tabuinhas de Linear B lançavam por terra a hipótese e a argumentação de A. Evans. A verificação que a linguagem dos micênicos era um tipo de grego traçou uma continuidade linguística impressionante com a Grécia Arcaica, além de fornecer uma base de comparação com os próprios poemas homéricos. A partir de então, a cultura material destes períodos poderia ser relacionada com as narrativas de Homero como reminiscências de um mundo perdido preservadas pela tradição dos poemas. Isto era uma importantíssima mudança na interpretação dos poemas.

Todavia, o questionamento permanece: como pôde ser conservada uma memória tão longínqua que recuaria pelo menos até o período micênico, e a suposta guerra entre Aqueus e Troianos? Como explicar essa

²⁰ No chamado Circulo Tumular A foram encontrados 15 corpos cobertos de ouro em 5 sepulcros ZANON C. A, *op. cit.*, p. 35. E no “círculo tumular B havia 24 túmulos, dos quais 14 podiam ser considerados de poço. O seu conteúdo, embora grandioso, não pode ser comparado em riqueza com os do círculo tumular A; por outro lado, B é um pouco mais antigo do que A e data do princípio do século XVI a. C.”. TAYLOR, W, *op. cit.*, p. 76.

²¹ HOMERO. *Iliada*, *op. cit.*, VI, v. 180; XI, v. 46. Trad. de Haroldo de Campos. 2002, v. 1.

²² A descoberta forneceu uma datação para a cerâmica devido ao fato de a cidade de Tell-el-Amarna ter sido ocupada por poucos anos durante o reinado do Faraó Akhenaton. A descoberta foi feita por Sir Flinders Petrie. Ver TAYLOR, W, *op. cit.*, p. 16.

²³ Ver TAYLOR, W, *op. cit.*, p. 16.

²⁴ ZANON, Camila Aline, *op. cit.*, p. 36.

²⁵ TAYLOR, W, *op. cit.*, p. 21.

²⁶ Ver CARLIER, Pierre, *op. cit.*, p. 22.

²⁷ *Idem, ibidem*, p. 28.

²⁸ “A maior parte das tabuinhas vem de Cnossos, 3000 a 4000, embora muitas delas sejam fragmentos”. TAYLOR, W, *op. cit.*, p. 27.

²⁹ Grande parte das inscrições egeias deste período não encontram-se decifradas. A exceção é o Linear B.

³⁰ TAYLOR, W, *op. cit.*, p. 39.

³¹ Referente ao Linear A e ao Linear B, “não se podem atribuir datas exatas aos períodos nos quais estas escritas teriam sido usadas, mas pode-se dizer que o Linear B se sobrepõe à escrita hieroglífica e que teria começado já no século XVIII. Parece que já estava de parte nos princípios do século XV”. TAYLOR, W, *op. cit.*, p. 31.

³² Ver TAYLOR, W, *op. cit.*, p. 31.

³³ Seus artigos principais publicados em PARRY, Milman. *The making of homeric verse*. New York: Oxford Press, 1987.

³⁴ A hipótese “Parry-Lord” dos poemas, ver LORD, A.B. *The singer of tales*. Cambridge: Harvard University Press, 1960.

³⁵ Ver HOMERO. *Iliada*, *op. cit.*, X, vv. 261-265. Trad. de Haroldo de Campos. 2002, v. I.

³⁶ Este é ainda o exemplar de elmo micênico mais antigo encontrado. Ver ZANON, Camila Aline, *op. cit.*, p. 115.

continuidade durante o período da Idade do Ferro, onde nitidamente regrediu a prática da escrita na Hélade?

Uma explicação/proposta para compreender esse fato da continuidade surgiria na década de trinta do século XX com o pesquisador americano Milman Parry.³³ Comparando cantos de bardos iletrados sérvios/iugoslávicos, ele formulou a hipótese de que os poemas homéricos seguiriam mais ou menos a mesma lógica de composição. Ou seja, uma espécie de composição em *performance* com o uso de fórmulas.

Por meio do uso destas fórmulas, ou seja, trechos de versos que se repetem conforme a conveniência do cantor, e seus usos descritivos se encaixando em situações semelhantes, Parry propunha uma solução para o problema da continuidade. A poesia oral formular, cantada por profissionais conhecidos como aedos, seria a responsável pela guarda de uma memória tão afastada e se explicaria mesmo pelo tipo de técnica empregada para a composição dos poemas. Graças ao estilo formular, trechos mais antigos de composição se misturariam a trechos mais recentes na narrativa, o que pode ser observado, por exemplo, pela presença de certos arcaísmos (dentre outros fatores) na estrutura linguística dos poemas.

Milman Parry faleceu precocemente, porém seu trabalho foi continuado por seu discípulo A. B. Lord.³⁴ Juntos, eles dão nome a conhecida hipótese “Parry-Lord” dos poemas homéricos, que justifica a composição poética pelo acréscimo e desenvolvimento oral das narrativas, ampliadas pelo menos até a sua posterior transcrição com o alfabeto adaptado dos fenícios. Embora bastante persuasiva, a hipótese “Parry-Lord” não conseguiu resolver a chamada “questão homérica”, continuando os pesquisadores divididos entre a existência ou não de um autor único para a *Iliada* e a *Odisséia*. Contudo, o peso da explicação ligada à oralidade dos poemas, bem como o profundo estudo de Parry sobre a fundamentação das fórmulas – que antes eram concebidas muitas vezes como interpolações ou simples repetições –, não deixa de impressionar e em boa parte convencer os pesquisadores do assunto.

Sua hipótese, aliada ao peso das descobertas arqueológicas que comprovam um passado grego anterior a Homero, que é bastante complexo e recuado na Hélade, ajuda a compreender e explicar a permanência de diversos termos encontrados nas tabuinhas e sua continuidade, ligada à lógica da métrica nos poemas bem como a sua *performance*. Observemos que esse passado micênico não deve ser relacionado de forma biunívoca com achados arqueológicos, por mais semelhantes que possam parecer. Aliás, não deixa de causar confusão aos neófitos na área os nomes escolhidos para muitos dos monumentos e vestígios encontrados, como “túmulo de Atreu”, “máscara de Agamêmnon” ou mesmo a “Troia” segundo Schliemann. Sua existência é mais a comprovação de uma possibilidade factual das narrativas homéricas do que uma referência direta a que possamos ligar alguma passagem específica. Embora existam exceções relativas, como é o caso do famoso trecho que narra o aspecto do elmo feito de dentes de javali,³⁵ posteriormente sendo um exemplar deste tipo encontrado nos túmulos de Micenas,³⁶ ou mesmo do uso de carros de guerra, comuns na narrativa homérica e que aparecem figurando tanto nas escritas do linear B (𐀀𐀃𐀆𐀇) como na iconografia encontrada. Esse tipo de testemunho arqueológico demonstra a antiguidade de certos trechos e mesmo a guarda de uma memória muito recuada. Como aponta Taylor,



Uma contribuição puramente grega para o armamento é o elmo feito de dente de javali, pormenorizadamente descrito por Homero, embora já tivesse caído em desuso muito tempo antes dele, pois não sobreviveu ao período micênico. Há muitas ilustrações suas na arte micênica: é usado pelos guerreiros representados nas gemas e nas matrizes de pedra e é um motivo popular nos embutidos de marfim [...]. Era nitidamente um objeto de luxo, sendo necessários cerca de 30 a 40 pares de dentes de javali para fazer um só elmo.³⁷

A historicidade que pesa nos poemas homéricos é uma historicidade latente, apreensível quando pensamos nas possibilidades de amálgama dos poemas relacionadas à própria questão da poesia oral.³⁸ Como poemas cantados, sintetizam em uma narrativa temporalidades diversas, informações que podem ser relacionadas ao período micênico, à Idade do Ferro ou ao próprio período Arcaico, além de encontrarmos elementos que só figuram na própria poesia homérica, não sendo encontrados vestígios materiais que corroborem determinados trechos da narrativa. Para entendermos Homero, temos que pensar em uma verdadeira estratigrafia da *Ilíada* e da *Odisseia*, relativa e passível de exageros poéticos ligados simplesmente à função do aedo e sua arte.

O Linear B e os poemas homéricos: possibilidades de relação

Como foi apontado, existem várias propostas e possibilidades de interpretação dos chamados poemas homéricos. A possibilidade de recurso a outras bases de documentação que podem ser utilizadas em relação ao texto homérico que nos chegou tem por objetivo considerar – para além da possível existência ou não do autor dos poemas – a relação de historicidade com o que é narrado. Ou seja, colocamos a questão sobre a factibilidade da guerra de Troia, dos costumes descritos e da sociedade composta nos poemas homéricos como parte necessária ao que estamos chamando de “horizonte hermenêutico” das obras.

Se traçarmos uma linha do tempo, perceberemos que os estudos homéricos sofreram o impacto de várias descobertas, como as realizadas pela arqueologia, principalmente a partir do século XIX d. C., além das novas perspectivas de abordagem, com a linguística e a filologia. Desde então relações têm sido estabelecidas entre a documentação escrita, sua coesão estrutural, e sua afinidade com a cultura material de períodos anteriores ao século VIII a. C.³⁹ Por exemplo, quais seriam as relações entre os textos homéricos e a documentação desses períodos anteriores, tendo por base o Linear B micênico? A quais conclusões podemos chegar com base na análise desses pontos?

Com a decifração do Linear B realizado por Michael Ventris⁴⁰ em 1952, um novo mundo de possibilidades se abriu para os estudos homéricos. A descoberta de que a língua das tabuinhas não era outra que não o grego ainda é forte argumento de justificação para os que defendem a antiguidade e núcleos de historicidade nos poemas. A alusão e a proximidade fonética de certos termos em Linear B com o dialeto homérico também não deixam de ser realçadas nesse tipo de argumentação.

Ponto de apoio para a defesa dessa historicidade dos poemas, termos que possuem equivalência direta no Linear B apontam para essa relação. Exemplo disso é o caso do substantivo *wa-na-ka*, tardio *wanaks* e *qa-si-re-u*, tardio *basileus* que são associados ao conceito de ‘rei’.⁴¹ *Wa-na-ka* é usado

³⁷ TAYLOR, W, *op. cit.*, p. 141 e 142.

³⁸ Oral no sentido que temos utilizado.

³⁹ As datações mais tradicionais localizam as obras de Homero no século VIII a. C. Observemos que a introdução do alfabeto na Grécia a partir do século VIII a. C. vai contribuir com a transcrição dos poemas para o suporte textual. Seu desenvolvimento, adaptação do alfabeto fenício para a língua grega, está ligado à própria questão dessa transcrição.

⁴⁰ Michael Ventris era arquiteto, e um apaixonado por línguas antigas. Juntamente a John Chadwick foi o grande responsável pela decifração do Linear B. Para maiores informações biográficas ver ROBINSON, Andrew. *The man who deciphered linear b: the story of Michael Ventris*. London: Thames e Hudson, 2012.

⁴¹ PALAIMA, Thomas G. *Wanaks and related power terms in mycenaean and later greek*. In: JALKOTZY, S. D e LEMOS, I. S. *Ancient greece: from the mycenaean palaces to the age of Homer*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006, p. 53.

⁴² Ver PALAIMA, Thomas G, *op. cit.*, p. 55.

⁴³ Thomas Palaima aponta que o termo *wanaks* é usado como um epíteto de Poseidon na *Iliada*, onde também aparece comumente associado com Zeus. Cf. PALAIMA, Thomas G, *op. cit.*, p. 64.

⁴⁴ Homero. *Iliada*, *op. cit.*, IX, v. 96; v. 163; v. 677. Trad. de Haroldo de Campos. 2002, v. I.

⁴⁵ A recorrência de repetições, identificada nos textos homéricos, é explicada por M. Parry com o recurso das fórmulas. Segundo sua proposição, essas fórmulas seriam a base de recitação da “poesia oral” do *aedo*, um recurso de sua composição. Como repetições nos textos atuais, apareceriam como uma marca da “oralidade” dos poemas quando de sua composição.

⁴⁶ CARLIER, Pierre, *op. cit.*, p. 201.

⁴⁷ Ou o suposto autor ou autores dos poemas a ele imputados.

⁴⁸ PALAIMA, Thomas G, *op. cit.*, p. 56. A métrica dos versos homéricos é composta por seis pés (hexâmetro), sendo que seu quinto pé obrigatoriamente deve ser um dáctilo (- U U), formando o que é chamado de hexâmetro dáctilo. Observemos que o termo *Lawagetas* não caberia no metro citado. Devemos ressaltar também que dáctilos e espondeus (- -) se revezam durante os versos nas obras, sendo a contagem de sílabas variada, até mesmo no quinto pé, formando sazonalmente um hexâmetro espondeico.

⁴⁹ Ver RAMÓN, J. L. Mycenaean onomastics. In: DUHOUX, Y e DAVIES, A. M. *A companion to linear b*. Peeters, 2011, v. 2, p. 214.

⁵⁰ Ver RUIJGH C. J. *apud* PALAIMA, Thomas G, *op. cit.*, p. 54. Ver também, RUIJGH C. J. *Études sur la grammaire et le vocabulaire du grec mycénien*. Amsterdam: E. J. Brill, 1967.

⁵¹ Algumas referências de 0As-tu-aInac HOMERO. *Iliada*, *op. cit.*, VI, v. 400; XXIV, v. 734. Trad. de Haroldo de Campos. 2002, v. II.

⁵² Algumas referências de 0Ifi-anassa HOMERO. *Iliada*, *op. cit.*, IX, v. 145. *Idem*. *Odisseia*, XV, v. 225. Trad. de Donald Schüler. 2007, v. II.

no Linear B e *wanaks* (aInac) é usado em Homero para designar um ‘rei’ singularmente elevado em uma classificação acima, ou consideravelmente acima de outros numerosos indivíduos, cada um também considerado um ‘rei’, um *basileus*.⁴² Em Homero o termo é usado como epíteto de Zeus e outras divindades,⁴³ mas também aparece associado a Agamêmnon (neste caso o líder da expedição contra os troianos).

Ἄτρεΐδῃ κύνιστε, ἄναξ ἀνδρῶν Ἀγάμεμνον,

*Agamêmnon, esplêndido Atréide, rei-de-homens*⁴⁴

O aparecimento de títulos que se encontram tanto no Linear B como em Homero é importante para a identificação dessa antiguidade e desses núcleos de historicidade como o próprio vocábulo *wanaks* aponta. O termo *wanax*, relacionado ao ἄναξ ἀνδρῶν de Homero, traz alguma luz ao que disse Milman Parry sobre o estilo formular.⁴⁵ A supressão do *digama*, no caso (*F*ἄναξ) ou a forma como conta para a métrica é um interessante ponto de apoio para a antiguidade das fórmulas em que ele aparece. Letra posteriormente suprimida, e nitidamente um arcaísmo, o digama (*F*) é utilizado na contagem da métrica no verso homérico, mesmo quando já foi suprimido da grafia (e provavelmente da récita também), mas aparece de forma clara no termo em Linear B, onde o “*wa*’ (\square) compõe uma das sílabas referentes a *wa-na-ka* ($\square \bar{\imath} \oplus$), segundo o que propõe a tradução do sistema arquitetado por M. Ventris. O fato do título ἄναξ ser encontrado em trechos formulares, como o referido ligado a Agamêmnon, e de nos depararmos com sua correspondência no Linear B, é demonstrativo de parte dessa relação.

Os senhores de domínios recebem vários nomes na *Iliada* e na *Odisseia*, de acordo com a organização métrica e a função dentro do verso. São comuns os termos de *arístos*, *basileús* e *anáx ándrōn*. Segundo P. Carlier, “*anáx* é um termo que designava o senhor do palácio micênico”.⁴⁶ Como pudemos observar, esta é uma definição que se liga a um passado distante dos tempos em que Homero⁴⁷ teria composto os poemas, e aparece em trechos formulares, o que reforça a sua antiguidade. A questão do uso do *digama* e a posição que ocupa nos versos homéricos, bem como no Linear B, também é bastante reveladora dessa continuidade linguística, e mostra de forma interessante como a poética do *aedo* fez uso desses artifícios para a construção da métrica, mesmo quando esses fonemas (como o *digama*), posteriormente, foram abandonados pela própria língua grega. Para mensurarmos o peso que a métrica pode ter nestes casos, podemos observar que alguns autores, como Palaima, chegam a argumentar que certos termos e cargos existentes no Linear B não aparecem nos poemas homéricos devido a sua composição métrica. O título *Lawagetas* (—U —) não se encaixa na composição do verso dáctilo⁴⁸ o que pode explicar sua omissão.

Todavia, esses não são os únicos elementos a apontar na direção do uso de termos micênicos no léxico homérico. Um número razoável de nomes micênicos, que aparecem no Linear B, possuem seus equivalentes (alguns exatos) em Homero ou no grego clássico⁴⁹ Outros referem-se a interessantes composições. Palaima, concordando com C. J. Ruijgh⁵⁰ chama a atenção para a ocorrência de nomes como Ἄστυ-ἄναξ⁵¹ e Ἰφι-ανασσα,⁵² nomes respectivamente de um príncipe e uma princesa de sangue real troiano. Ocorre a clara composição dos títulos referentes ao termo *wanaks* (no caso Ἄστυ-ἄναξ) e seu feminino *wanassa*

(ἰφι-ανασσα). Palaima argumenta, com Ruijgh, que estes termos são reservados para o uso real e de famílias divinas.⁵³ É bastante interessante a relação, pois existe afinidade do termo *wanaks*⁵⁴ e sua contrapartida feminina *wanassa* como epíteto de deuses nas tabuinhas do Linear B.⁵⁵

A importância desses nomes próprios, de deuses e de pessoas, além dos já referidos títulos de cargos e funções como é o caso do próprio *wanaks*, ajudam a completar, em parte, este quebra cabeças de temporalidades. Quando pensamos na estabilidade de certas alcunhas de deuses e na possível repercussão dessa antiguidade nos poemas homéricos, podemos relatar alguns casos interessantes de continuidade e de fusão. Existe uma relação incontroversa entre certos nomes de divindades que aparecem nas tabuinhas de Linear B e deuses e deusas posteriores, como Zeus, Hera e Poseidon.⁵⁶

Algumas divindades que são nomeadas como deuses no Linear B aparecem posteriormente associadas ou fundidas com divindades posteriores, o que é por si só bastante interessante. “Este é o caso com os nomes de dois obscuros deuses, *e-nu-wa-ri-jo* /*enuwalioi*/ e *pa-ja-wo-ne* /*paiawonei* (dat.). Que corresponde no alfabeto grego a Ἐνυαλιος e Παϊῶν, epítetos de Ares e Apolo respectivamente”.⁵⁷

Se levarmos em consideração o relato mitológico, perceberemos alguns pontos de argumentação para essas questões. Como é o caso de Proteu, também chamado de “velho do Mar”, divindade marinha relacionada a Poseidon (*Odisseia*, IV). “Proteu é apresentado na *Odisseia* como um deus do mar a quem fora confiada a tarefa de apascentar as focas e os outros animais marinhos pertencentes à Poseidon”.⁵⁸ A divindade Proteu surge na *Odisseia* no Canto IV (*Odisseia*, IV) no qual Menelau tenta retornar para Esparta. O substantivo aparece no Linear B possivelmente como *Po-ro-te-u*⁵⁹ citado na tabuinha PY Eq 146. Embora o contexto da tradução não permita sua definição como sendo o de uma divindade. Todavia, se observarmos o termo na tabuinha PY Eq 146, fica claro que *Po-ro-te-u* é um substantivo próprio, mesmo não se tratando de um teônimo.⁶⁰

r.1 o-da-a 2L] te-re-ta , e-[
r.2 ko-ro , to-so-de , pe-mo [[GRA] GRA]
r.3 o-da-a 2 , po-ro-te-u , e-ke , to-so-de , pe-mo GRA 1

Segundo F. A. Jorro e F. R. Adrados,⁶¹ *Po-ro-te-u* trata-se de um antropônimo,⁶² justamente por sua ligação ao termo *te-re-ta* em r.1. Concorda com eles a pesquisadora Margareta Lindgren, que também defende a ligação entre *Po-ro-te-u* e o cargo de “Tereta”.⁶³ Ou seja, se trataria de um “homem nobre” que ocupa o cargo de *te-re-ta*, um detentor de terras que é associado ao termo posterior “*Telestá, Telestes* (Cf. *Teletes, Telester*)”.⁶⁴ Porém, a similaridade fonética que se pode estabelecer não deixa de ser interessante. Se relacionarmos o *Po-ro-te-u* micênico com o termo Πρωτεύς homérico, podemos conseguir construir alguma relação de continuidade onomástica.

Embora não se possa fazer isso de forma direta por meio do sentido do nome ou de sua função, é possível pensar na apropriação poética do termo e mesmo na continuidade de seu uso como nome. Talvez assim possamos fazer alguma relação. Por exemplo, quando associamos o termo a Πρώτος, de *Primeiro*, como raiz para Πρωτ-εύς como nos indica F. Waanders.⁶⁵ A própria *Odisseia* indica esta divindade como sendo ligada a Poseidon,⁶⁶ e como mais uma das divindades do mar que parecem se

⁵³ Ver PALAIMA, Thomas G, *op. cit.*, p. 54.

⁵⁴ Thomas Palaima relaciona o termo *wanaka* ao tipo de monarquia hitita, na Anatólia. Devido à proximidade e à contemporaneidade da cultura hitita e a micênica, a abundância de documentação escrita sobre o reino Hitita. Argumenta que possivelmente a cultura (institucional do reino hitita) tenha influenciado os reinos micênicos. Cf. PALAIMA, Thomas G, *op. cit.*, p. 53.

⁵⁵ Ver PALAIMA, Thomas G, *op. cit.*, p. 54.

⁵⁶ RAMÓN, J. L, *op. cit.*, p. 230.

⁵⁷ RAMÓN, J. L, *op. cit.*, p. 232.

⁵⁸ GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2011, p. 398.

⁵⁹ Ver VENTRIS, Michael e CHADWICK, John. *Documents in mycenaean greek*. London: Cambridge University Press, 1973, p. 573.

⁶⁰ Teônimo, literalmente, o “nome de um deus”.

⁶¹ Ver JORRO, F. A e ADRADOS, F. R. *Diccionario griego-español*. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1999, p. 149.

⁶² Antropônimo, literalmente, o “nome de uma pessoa”.

⁶³ LINDGREN, Margareta. *The people of Pylos: a prosographical catalogue of individuals and groups*. Califórnia: Universitet, 1973, p. 97.

⁶⁴ DIETRICH, B. C. *The origins of greek religion*. Berlin: Walter Gruyter, 1974, p. 256.

⁶⁵ Ver WAANDERS, Frederick M. J. Greek. In: GVOZDANOVIC, Jadranka. *Trends in linguistics: studies and monographs*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991, p. 385.

⁶⁶ Ver HOMERO. *Odisseia, op. cit.*, IV, v. 349 (Texto grego). Trad. de Donaldo Schüler. 2007, v. I.

⁶⁷ Ver HOMERO. *Iliada*, *op. cit.*, XVIII vv. 35; 49 (Texto grego). Trad. de Haroldo de Campos. 2002, v. II.

⁶⁸ Boa parte dessas tabuinhas que registram nomes de deuses e deusas é relacionada a oferendas as divindades. Segundo Ramon, “um número relativamente grande de deuses e deusas aparecem como destinatários de oferendas”. RAMÓN, J. L., *op. cit.*, p. 230.

⁶⁹ RAMÓN, J. L., *op. cit.*, p. 230.

⁷⁰ Ver RAMÓN, J. L., *op. cit.*, p. 232.

confundir e se misturar nos poemas. A Proteu cabe o epíteto de “velho do mar”, que também é usado quanto a Nereu.⁶⁷ Essas divindades são apresentadas de forma muito parecida, e se confundem com uma série de divindades do mar, apontando para a possibilidade de um panteão ainda em organização durante o período de composição dos poemas homéricos. O que nos permite pensar em algo como uma “mistura” ou confusão, como parece apresentar o léxico. Proteu poderia ser o “primeiro” dos deuses marinhos como parece indicar seu nome? Ou somente anterior à hegemonia de Poseidon? Difícil apresentar uma solução direta.

O nome de Poseidon também surge relacionado entre as divindades micênicas, com o termo *Po-si-da-o*, como é referido no Linear B. Essas divindades guardam relação entre si desde o período micênico, e possuem alguns atributos compartilhados e uma relação hierárquica às vezes bastante confusa. É o que também pode ser demonstrado pelo caso dos epítetos Ἐνυαλιος e Παϊᾶν, ligados à Ares e Apolo, epítetos esses que no Linear B eram deuses independentes, Ἄ ἡ ἡ ἡ ἡ *E-nu-wa-ri-jo*, e † ἡ ἡ ἡ ἡ *Pa-ja-wo-ne*. Essa fusão de potências e características divinas não é incomum. No caso de Proteu o relato coloca-o sendo ligado a Poseidon, que substituiu Nereu, o que não impede certa identificação entre as divindades.

Devemos levar em consideração que as concepções religiosas bem como os atributos ligados aos deuses são bem menos específicos nas narrativas homéricas do que em épocas posteriores. É difícil traçar um paralelo direto entre a documentação do Linear B e as narrativas homéricas na questão religiosa, além do fato de seu aparecimento e menção. Não conseguimos no Linear grandes referências, como tipo de culto de determinada divindade, atributos, ou analogias mais profundas. Apesar de constarmos aparecerem definições como a de “filhos de Zeus” (Drimios, filho de Zeus, conforme PY Tn 316), é bastante complicado compreendermos o panteão micênico a ponto de relacionarmos às divindades de forma direta e inequívoca. Observemos, por exemplo, o caso da tabuinha KN V 52:

r.1 a-ta-na-po-ti-ni-ja 1 ἡ[]vest. []
r.2 e-nu-wa-ri-jo 1 pa-ja-wo-ne 1 po-se-da[-o-ne]

Como podemos observar na tabuinha⁶⁸ KN V 52, o substantivo próprio Ἄ ἡ ἡ ἡ *A-ta-na* (Atena) em Linear B, aparece relacionado ao termo ἡ ἡ ἡ ἡ *Po-ti-ni-ja*, junto a outras três divindades, Ἄ ἡ ἡ ἡ ἡ *E-nu-wa-ri-jo*, † ἡ ἡ ἡ ἡ *Pa-ja-wo-ne* e ἡ ἡ ἡ ἡ *Po-si-da[o]*. Notemos que são todos deuses e deusas. Atena é chamada de *Po-ti-ni-ja*, que poderia ser traduzido como “senhora”, contudo *Po-ti-ni-ja* aparece também em outras tabuinhas como “um epíteto genérico designando uma deusa sem maiores especificações”.⁶⁹ Poseidon surge sem denominações ou qualificativos, e os outros dois deuses, *E-nu-wa-ri-jo* e *Pa-ja-wo-ne*, já foram referidos anteriormente como tendo se tornado epítetos de Ares e Apolo nos poemas homéricos, no caso Ἐνυαλιος e Παϊᾶν.⁷⁰ Mas nesse caso tratam-se de divindades independentes.

Esta tabuinha é emblemática do tipo de relação possível com o Linear B, e a forma como podemos ligá-los aos poemas homéricos em termos de interpretação. Para além do fato importante da continuidade da língua grega, o aparecimento de algumas divindades do panteão também é bastante significativo, embora devamos ter bastante cuidado para não extrapolar relações que são circunstanciais ou indiretas. Considerando estes pontos,

todavia, não somente nomes de divindades podem ser encontrados e relacionados aos poemas homéricos. Também podemos recorrer a outros nomes que não sejam de divindades.

Michael Ventris e John Chadwick, em seu livro *Documents in mycenaean greek* (1973), chamam a atenção para o fato de que, entre os nomes próprios existentes no registro em Linear B, existe um número razoável de nomes que recordam ou são nomes conhecidos por Homero,⁷¹ chegando a enumerar 58 nomes “paralelos ou equivalentes”. Estabelecendo relação com essas equivalências, os autores fazem uma interessante observação: “É notável que esta lista inclui vinte homens que são nomeados por Homero como Troianos ou que lutam no lado troiano [...]. A discussão sobre as conclusões a tirar deste fato estão além do escopo deste livro, mas vinte fora de cinquenta e oito é uma proporção significativa”.⁷² Ou seja, dentre os antropônimos aceitos como equivalentes por Ventris e Chadwick, quase a metade é citada por Homero como Troianos ou participantes do lado troiano da guerra, sendo os outros de Aqueus. Essa equivalência, mesmo quando considerado as restrições da documentação das tabuinhas, não deixa de ser significativa e espantosa.

Se observarmos a referência ao antropônimo]A-ki-re-u (𐀀 𐀗 𐀙 𐀝) na tabuinha KN Vc 106, poderemos ter um exemplo interessante dessas ocorrências. O termo é um *hapax*, ou seja, possui somente uma única ocorrência em todo o *corpus* documental micênico. Normalmente, é aproximado e identificado ao nome de Aquiles Cf. Ἀχιλλεύς.⁷³ Embora também exista uma tabuinha de Pilos com o termo A-ki-re-we (𐀀 𐀗 𐀙 𐀚) PY 79 Fn + 1192 (45),⁷⁴ que é o mesmo nome em dativo:

r.2 a-ki-re-we HORD T 5

A tradução aproximada para esta linha seria: “Para Aquiles 5 medidas de grãos”.⁷⁵ Observemos que é um nome encontrado tanto em Cnossos quanto em Pilos, na Messênia. O que não deixa de ser interessante do ponto de vista territorial e cronológico. Apesar de não podermos hipertrofiar/hiperbolizar essa informação, podemos pelo menos afirmar que este nome não se restringe a um único sítio arqueológico, sendo de uso em, pelo menos, duas regiões do Egeu.

O nome Heitor igualmente surge no registro das tabuinhas de Linear B. Na tabuinha PY Eb 913 seu nome aparece associado à ideia de um “servo da divindade” (*te-o-jo, do-e-[ro]*), e também, se aceitarmos que a tabuinha PY Eb 935 seja possivelmente parte integrante desta PY Eb 913 como sugere a base de dados Damos,⁷⁶ ficaríamos com um “Heitor, servo da divindade, detém um arrendamento”. Ventris e Chadwick chamam a atenção para o fato de que estes são homens comuns, alguns possivelmente de condição humilde,⁷⁷ como o que pode ser verificado na tabuinha PY Eb 913 pelo termo “*theoio doelos*”.

PY Eb 913 [+] PY Eb 935

.A]e-ko-to , te-o-jo , do-e-ro[, e-ke-]qe , o-na-to[

.B pa-ro , da-mo []GRA T 1 V[3 Cronologia: LH IIIB2/LH IIIC

Diversos outros casos de equivalências de nomes próprios podem ser apontadas entre os vestígios deixados pelas tabuinhas e suas correlações com o texto homérico que nos chegou, tais como *O-re-ta* (𐀓 𐀙 𐀚) PY An

⁷¹ Ver VENTRIS, Michael e CHADWICK, John, *op. cit.*, p. 103.

⁷² *Idem, ibidem*, p. 104.

⁷³ *Idem, ibidem*, p. 103.

⁷⁴ Datada do LH IIIB2/LH IIIC.

⁷⁵ O HORD (𐀓) é um símbolo do linear que quer dizer grão comum. Normalmente é traduzido como “cevada”, por ser o mais comum dos grãos, daí o nome HORD de “*hordeum*”, cevada em Latim. O T significa medida de grãos (secos). E o 5 significa 5 destas medidas. Para mais informações vide KILLEN, J.T. Wheat, Barley, Flour, Olives and Figs on Linear B Tablets. In: BARRETT, John C. and HALSTEAD, Paul (eds.). *Sheffield studies in Aegean Archaeology*. Oxford: Oxbow Books, 2004, p. 165-167.

⁷⁶ A base de dados DAMOS – Database of mycenaean at Oslo, é ligada a Universidade de Oslo, e possibilita a pesquisa de palavras e termos no *corpus* documental das tabuinhas de Linear B. É acessível pelo link <<https://www2.hf.uio.no/damos/>>. Acesso em 2 dez. 2017.

⁷⁷ Cf. VENTRIS, Michael e CHADWICK, John, *op. cit.*, p. 104.

⁷⁸ Esta tabuinha possui um total de 15 linhas. Sendo este, portanto, somente um trecho.

⁷⁹ CHADWICK, John e BAUMBACH, Lydia. *The mycenaean greek vocabulary*. Berlim: Vandenhoeck et Ruprecht, 1963, p. 259.

⁸⁰ O termo é usado por especialistas na área para se referir a um conjunto variado de documentos escritos, geralmente de chancelaria, da monarquia hitita. Possuímos anais dos reis desde Tudhaliya I / II até períodos de reinados tardios. “Os anais de Arnuwanda I, Suppiluliuma I (composto por seu filho) e, o mais destacado de todos, Mursili II foram bem preservados; Mas os de Muwatalli II ainda não foram recuperados. Os anais de Hattusili III sobrevivem apenas em forma fragmentada. Para Tudhaliya IV e Suppiluliuma II não há anais em cuneiforme, estando os mesmos em inscrições hieroglíficas na linguagem luvita”. In: BURNEY, Charles. *Historical dictionary of the hittites*. Maryland: Scarecrow Press, 2004, p. 24.

657 Cronologia 1: LH IIIB2/LH IIIC . 3; (Orestes), citado como responsável pela “guarda de áreas costeiras” *o-u-ru-to, o-pi-a2-ra, e-pi-ko-wo*, junto a outros nomes.

*PY An 657*⁷⁸

*r.1 o-u-ru-to, o-pi-a2-ra, e-pi-ko-wo (Traduzido: “como os observadores estão guardando as áreas costeiras”)*⁷⁹

r.2 ma-re-wo, o-ka, o-wi-to-no,

r.3 a-pe-ri-ta-wo, o-re-ta, e-te-wa, ko-ki-jo,

r.4 su-we-ro-wi-jo, o-wi-ti-ni-jo, o-ka-ra3 VIR 50

r.5 vacat.

Mesmo o nome de *Te-se-u* (𐎠𐎢𐎣), aparece como o de um humilde “servo da divindade” (*te-o-jo, do-e-ro*) em Pilos, como mostra as tabuinhas PY En 74 e PY Eo 276, com as mesmas implicações dos termos anteriores:

PY En 74 Cronologia 1: LH IIIB2/LH IIIC

r.5 Te-se-u, te-o-jo, do-e-ro, o-na-to, e-ke, to-so-de, pe-mo GRA T 4

PY Eo 276 Cronologia 1: LH IIIB2/LH IIIC

*r.4 Te-se-u, te-o-jo, do-e-ro, e-ke-qe, o-na-to 𐎠𐎢𐎣 pa-ro, ru-*83-e GRA T 4*

Se a relação entre os termos não é absolutamente direta, ou seja, o Heitor da tabuinha de Pilos não se refere ao herói épico troiano, como provavelmente *A-ki-re-u* não se refere, obviamente, a Aquiles filho de Peleu, a analogia entre a onomástica das tabuinhas e suas correspondências com os trechos homéricos, embora bastante pertinente, não é diretamente correlata. Ela pauta, isso sim, a ideia de uma continuidade poético-musical destes termos, como apropriação ligada à *performance* de instrumentistas cantores na Hélade.

Pelo fato de podermos, hoje, atestar a antiguidade desses nomes pelas tabuinhas, podemos inferir que são vocábulos que, possivelmente, já à época de transcrição dos poemas homéricos, eram percebidos como bastante antigos. Eram nomes cuidadosamente usados pelos antepassados, na perspectiva de um público do Período Arcaico, e sua origem remete a um contexto palaciano (no caso próximo ao das tabuinhas) e a um passado glorioso e pujante. Isso os torna nomes factíveis de terem existido na “idade heroica” narrada nos poemas, possivelmente pelo fato de que as possíveis mudanças e relações entre a língua e a composição musical puderam adequar esses termos à composição e à métrica dos versos cantados em hexâmetro, e como fruto de tal adaptação ter chegado até nós dentro dos poemas de Homero.

Além disso, considerando o período e a proximidade geográfica, estes não foram os únicos termos a chegarem até a contemporaneidade dentro do léxico dos poemas homéricos.

Possíveis relações entre os termos hititas e o grego homérico

Avaliando a localização do sítio da Troia de Schliemann, bem como os sítios hititas na planície da Anatólia, algum traço de continuidade e apropriação poética talvez possa ser mensurada em nossa análise, ampliando nosso escopo de possibilidades e nosso horizonte de interpretação. Quando



comparamos o texto homérico da *Ilíada* e da *Odisseia* a certos termos encontrados nos chamados *Anais dos Reis Hititas*,⁸⁰ a luz dessa apropriação poética ligada à performance, talvez tenhamos uma interessante relação possível.

O texto que nos chamou especial atenção está citado em Calvert Watkins,⁸¹ e permite uma atraente possibilidade de relação com as narrativas homéricas. Trata-se do documento KBo⁸² 4.11,45- 6:

EGIR-ŠU ^D Šuwašuran ekuzi
 haḫḫ =ata=ta alati awienta Wilušati
 Tradução:
 (Hitita) Então, ele bebe ao deus Suwasuna⁸³ (e canta):
 (Luvita) “Quando eles vieram da escarpada Wilusa”.⁸⁴

Esse texto hitita, escavado em Hattusa, cuja datação possivelmente é do século XIII a. C., menciona no seu ritual a recitação de um poema Luvita, no caso o trecho “Quando eles vieram da escarpada Wilusa” (KBo 4.11, 46). Existe uma grande aceitação entre os pesquisadores de que o termo “Wilusa” poderia referir-se a (W)Ílion.⁸⁵

Calvert Watkins, renomado linguista, pesquisou sobre a questão de qual seria o idioma que poderia ser falado em Troia na época homérica. Relacionando essa possível língua com o Luvita, dialeto aparentado ao Hitita. Se, concordando com C. Watkins (1995), relacionarmos a língua falada em Troia como possivelmente sendo o Luvita, aparentado à língua Hitita, teremos um contexto interessante de comparação. Observemos, por enquanto, esta probabilidade como factível em termos hipotéticos.

*Em seu poema Ilíada, Troia é chamada por nomes de forma alternada, (W)Ílion e Troia. O novo assentamento Eólio em Hissarlik preservou o nome tradicional na forma Ílion. Quase certamente, a Ílion de Homero representa Wilusa/Wilusiya. O último foi o nome dado a um pequeno reino da Era do Bronze tardia, que era vasalo do grande Rei de Hatti, e o Reino de Wilusa se encontra em um texto Hitita, incluído entre as Terras Arzawa. Hissarlik foi, provavelmente, o local do Reino de Wilusa. Dois de seus maiores níveis foram datados da Era do Bronze Tardia – Troia VI e VII. O subsequente assentamento Eólio no sítio foi o precursor da Helenística Troia VIII.*⁸⁶

Porém, devemos observar que “a *Ilíada* de Homero não faz nenhuma menção aos hititas, ainda que estes tenham desempenhado um papel importante nos assuntos da Anatólia ocidental em toda a Idade do Bronze Final, e foram quase certamente senhores do reino chamado por Homero de Ílios / Troia durante o período da suposta guerra de Troia”.⁸⁷

Trevor Bryce levanta que a probabilidade maior é a de que o autor dos poemas não conhecesse a existência histórica dos povos hititas, devido ao lapso temporal de quase quinhentos anos entre um “Homero” e a existência dos reinos hititas.⁸⁸ Porém, faz a ressalva de que se deve tomar muito cuidado com este tipo de conclusão, afinal, é difícil constatar que se trata de uma omissão proposital, ou um simples desconhecimento. Podemos apenas observar a não menção a estes povos nos poemas homéricos, e realmente desconfiar de quais os motivos para tal omissão com base nos achados arqueológicos que possuímos.

Se Troia/Wilusa fosse apenas uma citação isolada de uma relação entre a onomástica dos poemas homéricos e os referidos anais dos Hititas,

⁸¹ WATKINS, Calvert. The language of the trojans. In: MEL-LINK, MACHTELD J. *Troy and the trojan war: a symposium held at bryn mawr college, october 1984*. United States: Bryn Mawr College, 1986.

⁸² Os tabletes Hititas em cuneiforme foram escavados em Hattusa desde o início do século XX, e compõem duas séries: Os primeiros volumes, publicados como *Keilschrifttexte aus Boghazköi*, cuja sigla indicativa é KBo, e os *Keilschriftkunden aus Boghazköi*, com a sigla KUB In: BURNEY, Charles, *op. cit.*, p. 45.

⁸³ O Panteão de divindades luvitas é bastante extenso, e o culto de certas divindades, ligadas a particularidades regionais, se espalham ao longo de todo o território Luvita. Segundo Piotr Taracha, *Suwasuna* é uma divindade local, citada no documento KBo 4.11, e ligada à cidade de *Istanuwa*, que ficaria em algum lugar na periferia oeste das terras baixas na Anatólia. Ver TARACHA, Piotr. *Religions of second millennium anatolia*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2009.

⁸⁴ WATKINS, Calvert. *How to kill a dragon*. New York: Oxford University Press, 1995, p. 146.

⁸⁵ Pierre Carlier chega a mencionar a possibilidade da ligação deste verso com o ciclo troiano, ou parte dele pois, se *Wilusa* é *Ílion*, o que Carlier considera bastante verossímil, poder-se-ia fundamentar a existência de um poema Anatólio sobre Troia desde o século XIII. Ver CARLIER, Pierre, *op. cit.*, p. 63.

⁸⁶ BRYCE, Trevor. *The world of the neo-hittite kingdoms*. New York: Oxford University Press, 2012, p. 34.

⁸⁷ *Idem, ibidem*, p. 12 e 13.

⁸⁸ *Idem*.

⁸⁹ Segundo Burney, As referências a *Ahhiyawa* ocorrerem em textos hititas ao longo de quase dois séculos. As primeiras citações estão no texto *Madduwatta*, do tempo de *Arnuwanda I* (Ca. 1380 a. C.), quando *Attarisya* (Atreu?) era rei de Ahhiyawa. Esse *Attarisya* é mencionado nos textos hititas como “o homem de ahhiya”, sendo esta a primeira forma do nome *Ahhiyawa*. Ver BURNEY, Charles, *op. cit.*, p. 8.

⁹⁰ O termo aparece com as duas grafias: *Alaksandus* e *Alaksandu*.

⁹¹ GÜTERBOCK, Hans G. Troy in hittite texts? Wilusa, Ahhiyawa, and Hittite History. In: MELLINK, MACHTELD J. *Troy and the trojan war: a symposium held at bryn mawr college, october 1984*. United States: Bryn Mawr College, 1986, p. 33.

⁹² Se considerarmos uma cronologia mais tradicional, o período se relaciona.

⁹³ GÜTERBOCK, Hans G., *op. cit.*, p. 33.

⁹⁴ Ver BRYCE, Trevor. Relations between Hatti and Ahhiyawa in the last decades of the Bronze Age. In: BECKMAN, G e BEAL, R e MCMAHON, G. *Hittite studies in honor of Harry A. Hoffner Jr.* United States: Eisenbrauns, 2003.

⁹⁵ BRYCE, Trevor, *op. cit.*, 2003, p. 59.

⁹⁶ *Idem*.

⁹⁷ BURNEY, Charles, *op. cit.*, p. 6.

⁹⁸ GÜTERBOCK, Hans G., *op. cit.*, p. 34.

⁹⁹ Escavada em 1952-4 pelo professor A. J. B. Wace, junto a uma série de casas fora dos muros da cidadela de Micenas. Ver CHADWICK, John. *The decipherment of linear b*. Cambridge: Cambridge University Press, 1958/ 1990, p. 146. Stephanie Lynn Budin argumenta que esta tabuinha possivelmente trata de “um grupo de crianças com suas mães trabalhadoras” mostrando relações de “mãe e filha” entre os nomes de muitas mulheres. Ver BUDIN, Stephanie Lynn. *Images of woman and child from the bronze age*. New York: Cambridge University Press, 2011, p. 319. Segue a tradução da autora, segundo a tabuinha MY V 659 (61):

não precisaríamos de muita argumentação para apontar o episódio como sendo o de uma simples coincidência. Porém, interessantemente, não é este o caso. Pelo menos mais duas ocorrências bastante curiosas parecem apontar na direção da existência de uma relação onomástica entre os léxicos: a citação do topônimo *Ahhiyawa*⁸⁹ e do antropônimo de um governante citado como *Alaksandus*. O primeiro deles identificado como a “terra dos aqueus”, e o segundo aproximado ao nome Alexandre (como o de Páris). Seria neste contexto, por exemplo, que esse substantivo hitita/luvita de *Alaksandu* seria extremamente importante. *Alaksandu*⁹⁰ é aproximado ao *Alexandros* citado por Homero, termo que se refere a *Paris Alexandros*, filho do rei Príamo de Troia. Também é nesta conjuntura de aproximação fonética que o próprio termo Troia/Ilíon, ligado ao Luvita *Wilusa* faria sentido.

Passemos às problematizações do primeiro termo. Como observa Hans Güterbock, é legítimo perguntar se o termo *Ahhiyawa* dos documentos hititas refere-se à terra dos aqueus e “se isso tem uma influência sobre o contexto da guerra de Troia”.⁹¹ Se considerarmos a proximidade geográfica entre os povos hititas e o sítio apontado por Schliemann como sendo possivelmente a Troia homérica, a relação ficaria, no mínimo, plausível de ocorrer, pois seria bem difícil uma cidadela como a encontrada em Hissarlik passar despercebida à esfera política dos Reinos Hititas⁹² e de Hattusa. Embora Güterbock considere que o “problema *Ahhiyawa* ainda é uma questão de fé”,⁹³ há uma convergência atual em aceitar melhor a relação.

Como aponta T. Bryce⁹⁴, existe uma tendência dos pesquisadores nos últimos anos em aceitar cada vez mais a conclusão de que o nome *Ahhiyawa* nos textos hititas é usado para identificar o mundo micênico, e “em alguns contextos um reino Micênico específico”.⁹⁵ Essa ligação pode ser fundamentada tanto nessas relações textuais (*Ahhiyawa/Aqueus*) e no argumento da proximidade geográfica de suas esferas de influência, quanto nas relações comerciais mantidas entre os Micênicos e povos do mediterrâneo,⁹⁶ atestadas pela arqueologia. “*Ahhiyawa* – Poucos temas têm despertado maior controvérsia do que a identidade e a localização desta terra. Na década de 1920, Emil Forrer equiparou *Ahhiyawa* com o termo *Achaia* homérico, observando que Homero não se refere a gregos, mas a Aqueus. Sua visão atraiu ambos: os apoiantes e os céticos”.⁹⁷

Em se aceitando a pertinência da identificação entre *Ahhiyawa* e o termo *Achaia*, um interessante elo de ligação é construído lexicalmente a partir daí, considerando as possibilidades de relação entre esse vocabulário e uma suposta continuidade/apropriação de termos preservada nos poemas homéricos. Já sobre o nome *Alaksandus*, “na onomástica do período Hitita, o nome *Alaksandus* é bastante isolado. Ele não tem um significado reconhecível no Hitita ou Luvita, e não tem similaridades para com outros nomes. Portanto, é concebível que seja estrangeiro”.⁹⁸

A ligação que Güterbock cita, quanto ao mundo micênico, se ancora no termo *a-re-ka-sa-da-ra-ka* (MY V 659 (61) LB IIIB : 1),⁹⁹ possível paralelo feminino do nome Ἀλέξανδρος. Olga Tribulato observa que, o nome *a-re-ka-sa-da* tem “idênticos paralelos alfabéticos” com o posterior Ἀλέξανδρος,¹⁰⁰ fazendo com que a relação entre o nome *Alaksandus* dos anais Hititas e o substantivo feminino *a-re-ka-sa-da-ra-ka* da tabuinha de Micenas seja factível. Como observa a autora, o termo *Alexandra* poderia ser apontado no Linear B, na Tabuinha MY V 659 (61) LB IIIB : 1

r. 2 *ma-no*, *a-re-ka-sa-da-ra-ka* 2

Sendo assim, o nome *Alaksandus* pode ser o nome grego Ἀλέξανδρος. Entretanto, Güterbock chama a atenção para o fato de que *Alaksandus* não é caracterizado como um homem de *Ahhiyawa*. “Ele é chamado como um dos quatro reis dos países *Arzawa*”.¹⁰¹ Questão controversa, e que se complica com a inclusão do termo hitita *Taruisa*, que poderia também ser identificada como um país, ou reino dos *Ahhiyawa*.

*Além disso, Wilusiya e Taruisa são listadas lado a lado, ambos como países. Como é que isso se encaixa na assumida equação Wilusiya = (W)Ilios e Taruisa = Troia? é geralmente aceito que em grego Troia é o nome da área, enquanto a cidade é chamada de Ilios. Nos anais de Thudaliyas eles são ambos chamados de “países”, e é claro que pode-se argumentar que o escriba que compilou a lista não tenha um conhecimento real de todos os lugares e nomes e, mecanicamente, colocou o logograma KUR, “país” em frente de todos. Ou, a fim de salvar a distinção grega, um poderia levar KUR uruTaruisa como “aposição” ao nome precedente e traduzir “A terra de Wiluyia, a região de Taruisa,” Mas isso seria uma interpretação ad hoc e portanto inaceitável.*¹⁰²

Resumindo, segundo as ideias de Güterbock, encontramos o seguinte: *Wilusa* era um país, talvez, mas não certamente, com uma capital do mesmo nome. A localização de *Wilusa* na Tróade é possível, até provável, mas não estritamente provável. Não há nada nos relances que obtemos da história de *Wilusa* que tenha qualquer semelhança com a Guerra de Troia citada nos poemas homéricos. *Alaksandus* é o governante de *Wilusa* sendo um vassalo do rei hitita, enquanto *Paris Alexandros* é um dos filhos do rei Príamo, que é politicamente independente, seguindo os relatos homéricos. A equação *Alaksandus* = *Alexandros*, e *Wilusa* = (W)*Ilios*, não pode ser estritamente e cabalmente comprovada, pois como observa Güterbock, existem ainda algumas contraindicações.¹⁰³

Mesmo argumentando sobre a superficialidade ou coincidência dos termos elencados em relação aos anais hititas, como bem observa Güterbock,¹⁰⁴ restaria mesmo uma impressionante coincidência de tantos paralelos. Pensando mais especificamente no impacto destas formulações nas questões relativas aos estudos homéricos, percebemos que existe boa base de argumentação sobre a factibilidade de existência dos lugares narrados, tal é o caso de Troia. Porém, isso é bastante diferente de identificar peremptoriamente o narrado na poética-musical de Homero com os sítios encontrados, embora também não se consiga refutar todos os argumentos.

Partindo de uma perspectiva poético-musical, a existência dos nomes elencados, como é o caso de Alexandra (do Linear B), ou *Wilusa*/(W)*Ilios* demonstra, pelo menos, uma capacidade de apropriação desse léxico por essa mesma poética- musical, o que poderia fundamentar com razoável clareza a perspectiva da relação temporal dos poemas com essa conjuntura histórica.

Mesmo considerando a continuidade de certos nomes, sobre os quais poderia se argumentar que fossem apropriações de períodos posteriores – pois os mesmos têm uma continuidade bastante longa – teríamos antropônimos que simplesmente desaparecem das formas gregas vindouras, ou mesmo casos de anexação como epítetos, como os já referidos teônimos de Ares atrelado a Ἐνυαλιος, e Apolo ligado a Παϊᾶν, difíceis de compreender sem a inclusão das tabuinhas de Linear B na comparação.

r.1 Wordieia *de-mi-ni-ja* 1
r.2 *Ma-no* e Alexandra 2
r.3 *ri-su-ra* e *qo-ta* 2
r.4 *e-re-tu-pi-na* e Theodora 2
r.5 Orthwowie e filha 2
r.6 Anea e filha 2
r.7 Philowoina e “pequena garota” 2
r.8 *pu-ka-ro* e *ke-ti-de* 2
.....
Keraso e “pequena garota”
BUDIN, Stephanie Lynn, *op. cit.*, p. 319.

¹⁰⁰ Ver TRIBULATO, Olga. *Ancient greek verb-initial compounds: their diachronic development within the greek compound system*. Boston: Walter de Gruyter, 2015, p. 182.

¹⁰¹ GÜTERBOCK, Hans G., *op. cit.*, p. 34.

¹⁰² *Idem, ibidem*, p. 40.

¹⁰³ *Idem, ibidem*, p. 30 e 31.

¹⁰⁴ *Idem*.

¹⁰⁵ SCOTT, John Adans. *The unity of Homer*. New York: Biblio and Tannen, 1965, p. 225.

¹⁰⁶ *Idem, ibidem*, p. 225.

No caso de Troia, devemos apontar para uma relação bastante interessante quando pensada de uma perspectiva musicalizante dos poemas, e a conseqüente relação/interação que os *performers* destes cantos poderiam estabelecer com o público. Observemos, por exemplo, que troianos não são aqueus. Seus nomes acaso deveriam soar como alcunhas estrangeiras para que a história se tornasse mais factível aos ouvintes primeiros de tais cantos? Para cumprir essa função, a poética musical poderia acaso se apropriar de um léxico especificamente estrangeiro e característico para este efeito? A resposta para estas questões pode não ser imediatamente positiva, mas fundamenta, pelo menos, a possibilidade de existência da dúvida. Devemos, todavia, observar que a maioria dos nomes que aparecem nas obras de Homero são usados tanto por gregos quanto por Troianos, indistintamente em boa parte dos casos.

Notemos, por exemplo, a observação do pesquisador John Scott quanto aos nomes compartilhados por gregos e troianos: “No livro IV (*Iliada*) é mencionado um grego de nome *Chromius*. Então, nos livros posteriores, quatro troianos aparecem tendo esse mesmo nome. Um grego e três troianos têm o nome grego *Melanippus*, um grego e dois troianos são chamados *Antiphus*, dois troianos têm o nome *Adrastos*, dois *Astynous*, dois *Ennomus*, dois *Ophelestes*, dois *Pylartes*, dois *Thersilochus* (...)”.¹⁰⁵

No entanto, existem exceções interessantíssimas, como é o caso de Paris. “Paris é o único dos líderes troianos que tem um indiscutível nome estrangeiro”.¹⁰⁶ Coincidentemente, é o nome que pode ser relacionado ao *Alaksandu* dos anais hititas, colocando novamente a dúvida no que tange à possibilidade de uma apropriação poética de um léxico Luvita que “soasse”, em períodos remotos, como notadamente estrangeiro a um público ouvinte. Ou seja, mesmo aceitando diretamente a ligação entre a *Wilusa* dos textos hititas e a Troia homérica, é bastante complexo afirmar baseado em apenas um exerto, como o citado acima, sobre a possibilidade de existência de toda uma narrativa. Porém, também não se pode descartar totalmente a possibilidade de existência de um épico anatólio. O que podemos fundamentar com alguma probabilidade, para além da similaridade onomástica dos termos citados e a proximidade geográfica, é que seria uma inegável coincidência de que tantos elementos congruentes estivessem todos e ao mesmo tempo, incorretos.

Se o sítio em Hissarlik não é a Troia de Homero, e se o termo *Wilusa* não reflete necessariamente a ligação com a (F)Ílion dos poemas, se *Alaksandu* também não se refere a *Alexandros* e o termo *Ahhiyawa* citado pelos Hititas não é forçosamente a “terra dos Aqueus”, e que todas essas indicações não passassem apenas de confusão de termos e equívocos de linguistas e historiadores, ainda assim teríamos um quadro histórico, no que tange à arqueologia, muito próximo ao narrado nos poemas. Esse quadro seria composto por cidadelas incendiadas, reis em disputa (como mostram os anais hititas), e uma complexa rede de relações em uma região bastante próxima uma da outra. Elementos mais que suficientes para uma apropriação poético-musical posterior e a confecção de um épico da envergadura da *Iliada*, ao menos hipoteticamente.

Ampliando o horizonte hermenêutico

As possibilidades de estudo e relação dos poemas homéricos e da arqueologia continuam abertas e ainda geram vivos debates na comunidade

acadêmica. Misto de erudição e rebuscamento, a interpretação da *Iliada* e da *Odisséia* de Homero pretende, ou requer e permite, se assim podemos dizer, pelo menos três grandes linhas de interpretação, que se influenciam mutuamente e em alguns casos até colidem. O estudo da narrativa, utilizando uma perspectiva ligada seja ao que propôs Milman Parry sobre a oralidade dos poemas, seja utilizando um arcabouço interpretativo ligado à teoria literária e à linguística, e que admite uma comunicação bastante próxima com a filologia.

Outra, que está em franca expansão com as escavações, é a arqueológica. Esta depõe sobre a factibilidade e a possibilidade do que é narrado nas epopeias homéricas. Muitas vezes oferece sólidos pontos de apoio, mas em outras refuta ou acrescenta elementos muitas vezes complexos de se coadunar com a narrativa aédica dos poemas homéricos.

E uma terceira, que pode ser chamada de abordagem histórica, que se preocupa em relacionar todas as outras, de modo que as ferramentas oferecidas tragam luz a episódios que, não raras vezes, são desprovidos de outras fontes de informação que não os próprios poemas.

Difícil é escolher e mediar entre essas abordagens. O ponto a ser encontrado, talvez, seja muito próximo daquele que permeia o embate sobre a existência ou não de Homero: o da pluralidade de entendimentos, formando um corpo de conhecimento variado, múltiplo, algumas vezes incongruente, mas também tremendamente aberto a novas reflexões. Estes elementos, juntos, ajudam a ampliar nossa compreensão e nosso horizonte de interpretação de tão complexas e belas composições.

Artigo recebido e aprovado em janeiro de 2019.